

Ensaio de HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL das Luzes à nação independente

Lorelai Kury . Heloisa Gesteira (orgs.)



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitor

Paulo Roberto Volpato Dias

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Antonio Augusto Passos Videira

Italo Moriconi (*presidente*)

Ivo Barbieri

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Maria Flora Sússekind

Erick Felinto de Oliveira

Ensaio de
**História das Ciências
no Brasil**
das Luzes à nação independente

Lorelai Kury e Heloisa Gesteira (orgs.)



Rio de Janeiro
2012

Copyright © 2012, dos autores
 Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ
 Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã
 CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ
 Tel./Fax: (55) (21) 2334-0720 / 2334-0721

<i>Editor Executivo</i>	Italo Moriconi
<i>Assessoria Editorial</i>	Fabiana Farias e Renato Alexandre de Souza
<i>Coordenador de Publicações</i>	Renato Casimiro
<i>Coordenadora de Produção</i>	Rosania Rolins
<i>Coordenador de Revisão</i>	Fábio Flora
<i>Revisão</i>	Andréa Ribeiro e Shirley Lima
<i>Capa, Projeto e Diagramação</i>	Carlota Rios

Elaboração dos mapas:
 Lorelai Kury [Fiocruz - RJ] e Ana Rosa de Oliveira [JBRJ]
 Xico Costa [Atlas histórico de cidades - UFBA]

CATALOGAÇÃO NA FONTE
 UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

G633 Ensaio de história das ciências no Brasil : das Luzes à nação independente / Lorelai Kury, Heloisa Gesteira, orgs. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2012.
 328 p.
 Seminário As Ciências no Brasil no Período Joanino, realizado de 17 a 20 de agosto de 2008.
 ISBN 978-85-7511-239-7

1. Ciências – História – Brasil. I. Kury, Lorelai. II. Gesteira, Heloisa. I. Seminário As Ciências no Brasil no Período Joanino (2008 : Rio de Janeiro)

CDU 001(091)(81)

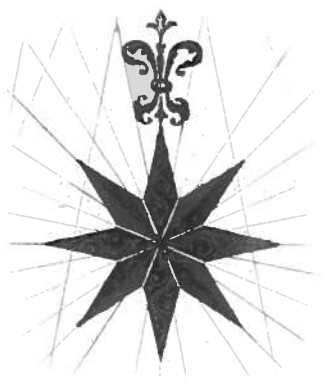
A produção deste livro contou com o apoio do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast).

SUMÁRIO

PREFÁCIO: O RIO DE JANEIRO E O ATLÂNTICO <i>Luiz Felipe de Alencastro</i>	7
APRESENTAÇÃO <i>Lorelai Kury e Heloisa Gesteira</i>	11
PARTE I – A ARTE DE CURAR NO BRASIL: ENTRE NOVOS E VELHOS SABERES	
SOBRE LICORES E XAROPES: PRÁTICAS CURATIVAS E EXPERIMENTALISMOS JESUÍTICOS NAS REDUÇÕES DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI (SÉCULOS XVII-XVIII) <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i>	17
RUMO AO BRASIL: A TRANSFERÊNCIA DA CORTE E AS NOVAS TRILHAS DO PENSAMENTO MÉDICO <i>Márcia Moisés Ribeiro</i>	31
OS DILEMAS DA HISTÓRIA SOCIAL DAS CIÊNCIAS NO BRASIL: AS ARTES DE CURAR NO INÍCIO DO SÉCULO XIX <i>Betânia Gonçalves Figueiredo e Graciela de Souza Oliver</i>	41
PARTE II – A CIÊNCIA E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
AS ARTES DE CURAR E A FISCATURA-MOR NA ÉPOCA DE D. JOÃO VI <i>Tânia Salgado Pimenta</i>	53
O JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO E AS PAISAGENS DA CORTE <i>Ana Rosa de Oliveira</i>	65
RIO DE JANEIRO JOANINO: ENTRE O MAR E O MANGUE <i>Lorelai Kury</i>	85
PARTE III – INVENTÁRIOS E UTILIZAÇÃO DA NATUREZA	
INSTRUCTIO PEREGRINATORIS. ALGUMAS QUESTÕES REFERENTES AOS MANUAIS PORTUGUESES SOBRE MÉTODOS DE OBSERVAÇÃO FILOSÓFICA E PREPARAÇÃO DE PRODUTOS NATURAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII <i>Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz</i>	115
O COLECIONISMO CIENTÍFICO EM PORTUGAL NOS FINAIS DO ANTIGO REGIME (1768-1808) <i>João Carlos Brigola</i>	135

A FABRICAÇÃO DA PÓLVORA E TRABALHOS SOBRE O SALITRE: PORTUGAL E BRASIL DE FINAIS DO SÉCULO XVIII ÀS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX	153
<i>Márcia Helena Mendes Ferraz</i>	
INSTRUÇÕES E IMPRESSÕES TRANSIMPERIAIS: HIPÓLITO DA COSTA, CONCEIÇÃO VELOSO E A CIÊNCIA JOANINA	167
<i>Neil Safier</i>	
NATURALISTA E HOMEM PÚBLICO: A TRAJETÓRIA DO ILUSTRADO MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA (1796-1823)	181
<i>Alex Gonçalves Varela</i>	
PARTE IV – AS CIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO DO BRASIL	
AS CIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO DO BRASIL	195
<i>Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno</i>	
INSTRUMENTOS MATEMÁTICOS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO: A MISSÃO DE DIOGO SOARES E DOMINGOS CAPASSI AO BRASIL (1720-1750)	207
<i>Heloisa Gesteira</i>	
CIÊNCIA E PODER IMPERIAL NO GRÃO-PARÁ: DA EXPANSÃO À DESCONSTRUÇÃO (1750-1840)	225
<i>Nelson Sanjad</i>	
CULTURA CARTOGRÁFICA E GESTÃO TERRITORIAL NA ÉPOCA DA INSTALAÇÃO DA CORTE PORTUGUESA	239
<i>Iris Kantor</i>	
VIAGENS E VIAJANTES EUROPEUS E DESCRIÇÕES DO BRASIL: A CORRESPONDÊNCIA DE LEOPOLDINA E O PARADISIACO BRASIL	251
<i>Ângela Domingues</i>	
PARTE V – INSTITUIÇÕES E LETRAS	
PORTUGAL-BRASIL, 1808. TRÂNSITO DE SABERES	267
<i>Maria de Fátima Nunes</i>	
NATUREZA, CIÊNCIA E POLÍTICA NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO DE INÍCIOS DO SÉCULO XIX	281
<i>Guilherme Pereira das Neves</i>	
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CIENTÍFICAS NA CORTE DO RIO DE JANEIRO	293
<i>Maria Rachel Fróes da Fonseca</i>	
A GÊNESE MODERNA DO ARTIGO DE FUNDO E DA CAMPANHA DE IMPRENSA: O CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZEM LITERARIO	307
<i>José Augusto dos Santos Alves</i>	
SOBRE OS AUTORES	323

O COLECIONISMO CIENTÍFICO EM PORTUGAL NOS FINAIS DO ANTIGO REGIME (1768-1808)



João Carlos Brigola

1

A natureza imperial de Portugal, aliada a um tradicional desconhecimento de seus recursos naturais, metropolitanos e coloniais, concitara geral curiosidade e expectativa internacional face à criação e à condução (a partir da década de sessenta do século XVIII) dos estabelecimentos museológicos lusitanos a cargo de um naturalista italiano de reconhecida craveira e com uma áurea de prestígio e respeitabilidade que lhe advinha da condição de correspondente linneano.

Domingos Vandelli (1735-1816) não terá frustrado as expectativas alimentadas entre amadores, sábios e instituições acadêmicas e científicas, num espectro geográfico que poderíamos com propriedade designar de *Europa das Luzes* (da Península Ibérica à Rússia), mantendo uma ativa relação epistolar com mais de quarenta personalidades de 11 nacionalidades diferentes. A internacionalização das relações científicas e museológicas, institucionalmente cumprida pelo diretor do complexo da Ajuda, não pode ser omitida quando avaliados os contributos nacionais para a formação do campo disciplinar da história natural setecentista.¹ Daí que a participação de nossos naturalistas não possa ser reduzida à produção teórica de modelos explicativos – área em que nações periféricas, como as peninsulares, não se distinguiram –, mas necessariamente alargada à circulação e divulgação quer de instrumentos intelectuais do conhecimento (informações sobre novas espécies, pareceres científicos, notícias sobre publicações e atividades de museus e jardins etc.), quer de objetos naturais exóticos imprescindíveis à construção do grande *Catálogo da natureza* e à afirmação de novos paradigmas disciplinares.

¹ Uma avaliação mais alargada desse fenômeno haveria que contemplar o papel desempenhado por personalidades como João de Loureiro, Jacinto de Magalhães, Correia da Serra, Brotero ou o próprio Sousa Coutinho. No entanto, Vandelli cumpre aqui um papel institucional, continuado e persistente, que se reveste de uma natureza muito particular. Um dado interessante para se equacionar em toda a sua extensão essa sociabilidade científica europeia, tomando nossos produtos naturais como tema, é a troca de informações entre viajantes de diferentes nacionalidades, como no caso comprovado do inglês J. Banks e do prussiano Link: "Il [Link] s'en retourna chez lui, par la voie de l'Angleterre. A Londres, il compara les plantes Portugaises avec l'herbier du Chevalier Joseph Banks" (Link, 1809-1820, p. 4).

Desse modo, cumpria-se o papel desempenhado pelos estabelecimentos da Ajuda na tendência então iniciada de *mundialização da ciência* (Figueirôa, 1998),² como acentua um autor que sinaliza bem o lugar de Lisboa na comunidade científica de finais dos Setecentos:

From this correspondence it can be seen that the Ajuda Palace Gardens served as a clearing house or entrepôt between Portugal, its Overseas Territories and northern Europe. The Vandelli papers [...] demonstrate the connections maintained with other European institutions and individuals concerned with exchanging specimens and seeds only obtainable from Africa or Brazil. Lisbon was the vital intermediary for northern European naturalists who wanted to study rare specimens from tropical Brazil or Africa (Simon, 1983, p. 51).

No decorrer do período entre o post-pombalismo (1777) e a pilhagem perpetrada por Saint-Hilaire (1808), mantêm-se os temas presentes na correspondência vandelliana dos anos sessenta e setenta, num pano de fundo em que prevalece a prática de reciprocidade e colaboração entre personalidades e instituições. Esses valores, exaltados como invioláveis pela comunidade de *savants*, mesmo numa Europa já dilacerada pela guerra revolucionária, só serão interrompidos em 1808 (no caso português), quando à tradicional permuta se sobrepuser a estratégia do saque organizado pelo Estado napoleônico, com a interessada participação de seus mais ilustres cientistas.³

As vantagens de um intenso intercâmbio científico com Lisboa são incessantemente recordadas pelos mais diversos correspondentes de Vandelli. Talvez a melhor ilustração desse espírito de curiosidade sobre nossos recursos naturais esteja contida em carta de Thomas Pennant (1726-1798), típico *gentleman-naturalist*, incansável organizador, popularizador e promotor do estudo da história natural nas ilhas britânicas.⁴ Os laços de sociabilidade que o unem ao paduano devem-se seguramente à interferência de um colecionador inglês a residir em Lisboa desde o consulado pombalino, Gerard de Visme, que se prontifica a verter-lhe os pedidos ingleses para a nossa língua:⁵

Serei pois infinitamente obrigado ao Sr. Vandelli p. hua Lista dos Peixes que habitão os Mares ou Rios de Portugal [...] Não ficarei menos agradecido p. hua Lista das Conchas marítimas de Portugal. [...] Por fim serei igualmente seu devedor, se me mandar hua lista das arvores ou plantas das India ou do Brazil q. se naturalizão em Portugal. [...] Tenha a bondade de me dizer que mimo quer d'Inglaterra, pois me esmerarei m.to para

² Ver também alguns dos textos publicados em *Mundialización de la ciencia y cultura nacional (Actas del Congreso Internacional Ciencia, Descubrimiento y Mundo Colonial)*, nomeadamente Sarmiento e Bueno (1993).

³ O filho de Geoffroy Saint-Hilaire, Isidore, em obra panegírica, dirá que o pai pautava seu comportamento por uma máxima, "Il se posa pour règle de conduite cette maxime. Les sciences ne sont jamais en guerre", e citava o caso do general Kleber, chefe do exército no Egito, que, sabendo que Geoffroy mantinha correspondência com o inglês Joseph Banks, lhe terá dito: "Je vois cette correspondance avec satisfaction; ce commerce réciproque de lumières est important pour la science, et les guerres politiques ne doivent jamais l'interrompre" (Saint-Hilaire, 1847, p. 171).

⁴ Cf. Urness (1981). Era sócio da Academia de Upsala e da Royal Society.

⁵ "Muito sinto não poder escrever a VM. no Idioma Portuguez, mas pedi ao Sr. De Visme de lhe explicar a minha precisão, e de receber de VM. as listas acima mencionadas" (Carta de Thomas Pennant a Domingos Vandelli. Londres, 29 de março de 1787. Arquivo Histórico do Museu Bocage, CE/P -37).

lho procurar. Seria muito contente de receber huas amostras das pedras ou marmores do Cabo da Rocca ou do Cabo Espichel [...] Queria o Sr. Vandelli hua Collecção dos Fosseis e mineraes Britannicus ? Dezejo saber se o *Salmo Salar* frequenta alguns rios de Portugal, e em q. e mez.⁶

A análise dessa abundante correspondência com personalidades e instituições – Real Jardim Botânico de Madri; Jardim do Rei e Sociedade Real de Agricultura, em Paris; Jardim da Universidade de Montpellier; Jardim Real de Kew e Royal Society, em Londres; Academia das Ciências de Bolonha; Jardim Botânico de Vicenza; Jardim Botânico e Museu de História Natural de Turim; Jardim e Museu de História Natural do Eleitor do Palatinado, em Florença; Universidade de Amsterdã; Universidade de Viena de Áustria; Sociedade Econômica de Saxe, em Leipzig; Universidade e Jardim Botânico de Copenhague; Museu da Universidade de Upsala; Real Sociedade Patriótica de Estocolmo; Museu do Imperador da Rússia; e Academia Imperial de Petrogrado – permite traçar um quadro de solicitações muito amplo que vai desde o pedido para que o "Jardim de Sua Magestade Fidelíssima" forneça uma espécie floral bastante rara à coleção botânica de um jardim da aristocracia inglesa⁷ ou para que o museu envie para a Escandinávia "toutes les differentes mines et pierres qui on tire du Portugal et de ses riches possessions [sic] dans les deux Indes".⁸

Há, finalmente, um significativo caso de correspondência científica elevada a política de Estado, em que os protagonistas mais visíveis são governantes e diplomatas. A passagem por Portugal dos naturalistas alemães Heinrich Friedrich Link e Hoffmannsegg, numa viagem filosófica que se prolongaria de 1797 a 1800⁹ haveria de deixar indelévels marcas em suas vidas e em suas obras, aproximando-os intelectual e afetivamente de Portugal.¹⁰ Link, com a aclamada parceria botânica de Brotero,¹¹ aqui

⁶ Carta de Thomas Pennant a Domingos Vandelli. Londres, 29 de março de 1787. AHMB, CE/P -37. Existe uma primeira carta, em inglês, datada de 5 de junho de 1786. AHMB, CE/P -36.

⁷ "Avendo raccolte molte curiosità botaniche, e sopra tutto facendo grandissima stima del merito insegne di V.S. mi manda di riverderla distintamente della sua parte, e di pregarla di favorirla com certe spezie di Gigli e Panerazy *Braziliani* che non si può aver che dal giardino di Sua Maestà Fedelissima del quale V.S. com tanto applauso e felicità è incaricato. In vece loro, prega a V.S. la sopradetta Signora, di voler bem aggradir alcune piante delle più rare che tiene nella sua raccolta, come la *Camellia Japonica* [...]; e qualch'altre, che forse non si trovano nel giardino di sua Maestà" (Carta de Frederic North a Domingos Vandelli. Lisboa, 4 de junho de 1788. AHMB, CE/N -5). Trata-se do futuro conde de Guilford (1766-1827) falando em nome da tia Henriette North (m. 1796), mulher de Brownlow North (1741-1820), bispo de Winchester. Noutra carta, North invocará a comum amizade com J. Banks: "Votre bonté m'est trop bien connue, Monsieur, pour que je puisse me refuser à la demande que, mon respectable ami le chevalier Banks m'a fait de vous presenter Monsieur le General Roy, notre celebre ingenieur qu'il a chargé de quelque commissions physiques et botaniques, à Lisbonne" (Carta de Frederic North a Domingos Vandelli. Londres, 6 de fevereiro de 1790. AHMB, CE/N -6).

⁸ Carta de André Christoffersson a Júlio Mattiazzi [Domingos Vandelli]. Estocolmo, 24 de novembro de 1789. AHMB, CE/C -24. Identifica-se como médico do rei da Suécia.

⁹ Link, "rappelé à ses devoirs par la place qu'il occupe, ne put s'arrêter plus long-tems en Portugal" e regressa à Prússia em Primavera de 1799. Quanto ao conde de Hoffmannsegg (do Reino do Saxe), "mâitre de ses loisirs", manter-se-á em Portugal até setembro de 1800.

¹⁰ Um dos mais credíveis livros de viagem a Portugal no século XVIII é precisamente o que Link escreveu, em três volumes: *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (1803, t. 1-2; 1805, t. 3). Existe, igualmente, uma versão inglesa.

¹¹ Link esclarece o modo como se terá processado essa colaboração entre os dois botânicos, criticando as insuficiências da obra que Brotero publicara em 1804 (*Flora lusitânica*) e justificando assim a necessidade científica de sua própria obra (Cf. *Flore portugaise*, 1809, p. 6).

recolheu material e informações vegetalistas com que haveria de desenhar sua monumental e muito bela *Flore portugaise (1809-1820)*.¹²

O Conde Jonhann-Centurius Von Hoffmannsegg (1766-1819), por seu lado, manterá uma viva ligação científica a Portugal que lhe valerá alguns excepcionais privilégios, o maior dos quais terá sido a abertura de uma porta até então interdita a estrangeiros:

Foi o primeiro Estrangeiro, a quem em Portugal se permittio mandar ao Pará Sieber,¹³ seu Ajudante. Este Naturalista demorou-se oito annos no Brazil, e o producto da sua Expedição fórma grande parte do Museu de História Natural da Universidade de Berlim, e da Collecção entomologica do Conde Hoffmannsegg, preciosa pela sua riqueza e pelo seu arranjamto systematico.¹⁴

É, pois, no rasto dessa frutuosa passagem finissecular que se envolvem nossos responsáveis políticos e diplomáticos, não espantando por uma vez mais o protagonismo demiúrgico de um Sousa Coutinho louvando e acarinhando relações privilegiadas com a comunidade científica europeia:

O Principe Regente Nosso Senhor, Desejando que os Sabios dos Seus Reynos se comuniquem com os dos outros Payzes, não só para augmento das Luzes Nacionaes, mas tambem para que os Estrangeiros conheção o estado de melhoramento das mesmas, Hé Servido Remetter a V. M.ce a Copia do Paragrafo do Officio do Embaixador dos

¹² *Flore portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminologie et une carte par J. C. de Hoffmannsegg ancien officier aux gardes du corps de Sa Magesté le Roi de Saxe*. Obra em dois tomos. O primeiro é de 1809 e apresenta Link como "Professeur de Botanique et de Chimie a l'Université de Rostok". O segundo é datado de 1820 e o autor já é dado como "Professeur de Botanique à l'Université de Berlin et Directeur du Jardin des Plantes". No prefácio ao primeiro tomo, afirma: "Le sol Lusitanien ayant été dans ces derniers tems presq'entièrement négligé par les Botanistes, ils ignoraient ses productions [...] Vandelli n'avait publié que peu d'Ouvrages, nullement libres d'erreurs. [...] C'est dans cette dernière ville [Coimbra] que nous eumes l'avantage de faire la connaissance du célèbre Professeur de Botanique Felix Aveller Brotero, et bientôt une étroite amitié nous lia à cet aimable Savant. Il devint le compagnon de nos travaux, car ce fut lui qui guida nos recherches jusque dans les recoins les plus cachés du vallon délicieux qu'arrose le Mondego [...]". Brotero dirá dessa obra, justificando a compra do segundo tomo para a Biblioteca do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda: "Flora Lusitanica = que foi adicionada sobre a minha, impressa em Alemanha com bellas estampas, e magnifica edição in folio magno" (Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro. 16 de novembro de 1822. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Ministério do Reino, maço 444, cx. 555, 1821-1833).

¹³ Franz-Wilhelm Sieber viajara igualmente por Egipto, Palestina, África do Sul e "Nova-Hoanada". Seu nome foi conservado na nomenclatura botânica, no género *Ombellifera*, designada *Sieberia*.

¹⁴ José Feliciano de Castilho. *Instrução para os viajantes [...] e precedida de algumas reflexões sobre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côte do Rio de Janeiro*, 1819, p. XXIV. Essa autorização, contudo, impunha a doação de parte das coleções recolhidas no Brasil ao nosso Real Museu. Houve nessa questão alguma controvérsia entre as autoridades portuguesas e o conde naturalista, que Geoffroy Saint-Hilaire pretendeu regular a favor do Muséum, em 1808, da maneira que narra: "J'ai employé cette journée à visiter les collections de M. le comte d'Hoffmannsegg. Il ne reste à Lisbonne que la moindre partie de ce qui a été recueilli par M. le comte [...] Cependant j'ai vu là une caisse pleine de magnifiques insectes, dont il y a 10, 30 ou 50 doubles. J'y ai aussi une douzaine d'oiseaux, que ne vous fournirent pas les collections d'Ajuda, et une cinquième espèce de coaita. J'ai craint un instant que les réclamations de M. Sieber, agent de M. de Hoffmannsegg, ne portassent sur la plupart des caisses presque entières des magasins d'Ajuda; la condition a été esquivée pour la très grande masse de ses caisses envoyées directement dans la Baltique. Deux ont été saisies à la douane et arrêtées comme cautionnement de la parole et des engagements de M. d'Hoffmannsegg, j'ai réglé que les deux caisses seraient restituées sous la condition que M. Sieber donnerait un double de ces caisses ou des six qu'il a chez lui; ces doubles me reviendront; si je ne les ai déjà pas, mais du moins M. Hoffmannsegg ne sera privé d'aucun unique et aura 49 doubles sur les 50 qu'on lui rapporte" (G. Saint-Hilaire, *Lettre aux professeurs-administrateurs du Muséum*, apud Hamy, 1908, pp. 1 e ss.).

Negocios desta Corte na de Berlim, a fim de que V. M.ce possa seguir hua Correspondencia scientifica com os dous Botanicos nelle contheudos.¹⁵

Por isso se insinua aqui e ali um tratamento de privilégio à corte de Berlim: uma *Relação de sementes* que chega do Pará é repartida entre o Jardim da Ajuda e o de Coimbra, sendo que "o resto deve aqui ser entregue ao Ministro de Prussia [...] a fim de que elle as possa enviar para a sua Corte [...] e V. M.ce terá o cuidado de fazer acompanhar estas Sementes com as Descrições, e noticias, que servirão, para as fazer conhecer";¹⁶ um caixote de sementes vindas do Rio de Janeiro chega à Ajuda para ser entregue ao consul da Prússia, o "Sr. Petters que tem ordem para as enviar ao Jardim Botanico de Berlim";¹⁷ ou, finalmente, um caixote com sementes de plantas silvestres é enviado do Maranhão e do Ceará (a cargo do naturalista João da Silva Feijó) com destino ao jardim berlinense.¹⁸

Pelo seu lado, os alemães interpretarão com rigor o conceito de permuta, apressando-se em pagar tamanha amabilidade naturalista enviando ao príncipe regente um presente excepcionalmente belo que enriquecerá as coleções ornitológicas da Ajuda:

Será entregue a V. M.ce hua caixa, que contem hua collecção completa de Passaros do Norte da Europa, offerecida de presente a S. A. R. o Principe Regente, pelo Conde de Hoffmannsegg [...]. Junta achará hua Cópia da Relação que me remetteo o Conde [...] com os nomes dos Passaros, e seus respectivos N.º s.¹⁹

2

O núcleo mais numeroso e persistente dos correspondentes do diretor do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda é francês (Seguier, Cusson, Gouin, Thouin, Nolin, Renault, Broussonet, Heritier, Jussieu e Gerard) e provém fundamentalmente de seus mais prestigiados centros de investigação naturalista, como os parisienses Jardim das Plantas (Muséum d'Histoire Naturelle a partir de 1793) e Sociedade Real de Agricultura, ou o Jardim Botânico da Universidade de Montpellier.

Tal fato necessita ser devidamente enfatizado como fundamento documental à ideia que deixamos acima apenas enunciada, isto é, a de que a convivência entre as duas comunidades científicas se pautou durante décadas pelo mais escrupuloso respeito das regras de respeito mútuo e pela prática do intercâmbio de informações, de serviços e de produtos.

¹⁵ Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli. 3 de janeiro de 1803. AHMB, Rem -609.

¹⁶ Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli. 19 de dezembro de 1803. *Livro de registo dos decretos*. Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL).

¹⁷ *Livro de registo dos decretos (1804)*, MCUL.

¹⁸ Cf. *Livro de registo dos decretos (1803)*, MCUL. Ver também João da Silva Feijó, *Relação das sementes das plantas agrestes da Capitania do Ceara destinadas ao Real Jardim Botanico de Berlim recebidas em 5 de setembro de 1803*, AHMB, Rem. -609.

¹⁹ Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli. 1ª de outubro de 1806. *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

Esse quadro será radicalmente alterado quando, por iniciativa dos professores-administradores do *Muséum d'Histoire Naturelle*, o ministro do Interior francês, Emmanuel Crétet (1747-1809) –²⁰ depois de obtida a imediata anuência do próprio Bonaparte –, enviar a Lisboa uma missão chefiada por um dos mais brilhantes naturalistas do seu tempo, e já então (noutro registo da sua biografia) com prestantes provas dadas no saque artístico e científico do Egito.²¹

Investido da autoridade de “comissário”, e acobertado pela força invasora comandada por Junot, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) cumprirá com minúcia profissional o programa de que vinha cometido: selecionar, acondicionar e remeter para a França todos os espécimens naturais (e a respectiva documentação escrita e iconográfica disponível) em falta nas coleções parisienses. Ou seja, obter numa única incursão – a partir de uma posição de domínio político e militar – um cobiçado patrimônio científico e museológico de proveniência tropical, impossível de adquirir pelos métodos normais utilizados em tempo de paz.²²

O fato de que justificações mais ou menos desculpabilizadoras se tenham depois formulado, ao longo dos anos – alegando uma atitude de generoso serviço prestado à ciência e a um museu mal organizado e pior dirigido –,²³ não pode, todavia, esconder o essencial deste lamentável episódio: a condenável convivência da elite naturalista francesa com a depredação de recursos nacionais alheios,²⁴ resultado de

²⁰ Conde de Champmol, conselheiro de Estado depois do 18 de Brumário, governador do Banco de França (1806) e ministro do Interior (1807). Para uma informação mais circunstanciada sobre os “motivos” franceses que envolveram essa “missão”, consultem-se: Saint-Hilaire (1808), Saint-Hilaire (1847), Hamy (1908), Laissus (1972) e Daget e Saldanha (1989).

²¹ Saint-Hilaire partiu de Toulon a 19 de maio de 1798 para a expedição ao Egito, aonde chegará em julho e de onde regressará em setembro de 1801. “Durant ces trois années il a fait une importante provision d'observations et des travaux scientifiques. De nombreuses publications résultent de cette expédition qui ne fut ni sans péril, ni sans gloire pour Geoffroy” (Fischer, 1972, p. 294).

²² “Le Muséum d'Histoire Naturelle ayant été jusqu'à ce jour privé de relations avec le Brésil, c'est aux productions de ce pays que M. Geoffroy devra s'attacher de préférence. En général son choix portera sur les productions en minéraux, végétaux et animaux de toutes sortes qui manquent au Muséum d'Histoire Naturelle ou qui n'y existent que dans un degré d'infériorité peu digne de ce bel établissement” (*Instructions adressées par le ministre* (9 de março de 1808), apud Hamy, 1908, p. 29).

²³ “Lorsqu'il quitta Lisbonne, emportant plusieurs caisses d'échantillons minéralogiques, de plantes, d'animaux brésiliens, le Musée, débarrassé d'un grand nombre de doubles inutiles, bien plutôt qu'appauvri, avait pris un aspect tout nouveau: une partie des espèces était déjà scientifiquement déterminée; l'ordre méthodique avait été introduit; et la précieuse série de minéraux, apportée de Paris par Geoffroy Saint-Hilaire, avait remplacé les objets choisis par lui. Ainsi se réalisa le plan qu'il s'était tracé à son départ: il enrichit à la fois la France par le Portugal et le Portugal par la France, et mérita doublement de la science” (Saint-Hilaire, 1847, p. 82); “Le personnel chargé d'en assurer la conservation était insuffisant et le principal responsable, Vandelli, dénué de la compétence nécessaire. Agé, sans caractère, scientifique plus que médiocre et de surcroît mauvais administrateur, il était lui-même incapable de dresser l'inventaire des collections dont il avait la garde et à plus forte raison d'en estimer la véritable valeur scientifique. Lui qui avait été botaniste au début de sa carrière, ne s'était même pas soucié de jeter un coup d'oeil aux herbiers qu'il avait reçus. Il semblait accorder peu d'importance à tout ce qui s'accumulait dans ses magasins, sinon s'en désintéresser. En présence d'une telle incurie, on comprend l'attitude de Geoffroy Saint-Hilaire. Aurait-il pu ne pas s'indigner que tant d'objets et de spécimens rares fussent ainsi négligés et pratiquement abandonnés alors qu'ils auraient fourni matière à de remarquables travaux s'ils avaient été connus de ses collègues professeurs du Muséum de Paris?” (Daget e Saldanha, 1989, p. 19).

²⁴ “O papel de Vandelli em Portugal tem sido, por vezes, desfavoravelmente avaliado, sobretudo na intenção de legitimar a ação cientificamente negativa e desprezível que representou o saque das coleções histórico-naturais efetuado por Geoffroy Saint-Hilaire em 1808” (Almaça, 1992, p. 54). Idênticas posições têm sido tomadas por outros naturalistas portugueses ao longo dos séculos XIX e XX. Ver: Bocage (1862), Ferreira (1907,1923), Azevedo (1919-1920) e Carvalho (1930).

uma política internacional baseada no princípio do *droit du vainqueur* e no conceito de “espólio universal”.²⁵

3

A expressa deferência dos sábios franceses face ao desempenho administrativo-científico de Vandelli e à importância de Lisboa como entreposto naturalista de produtos exóticos pode ser comprovada pela correspondência iniciada logo nos inícios dos anos setenta, através de várias cartas longamente escritas em Latim pelo doutor em Medicina e professor de botânica em Montpellier, Pierre Cusson, contendo extensas listas de espécies florísticas que esperava obter das permutas com a Ajuda, bem como o pedido de informações botânicas sobre variedades peninsulares de plantas medicinais de que era especialista (em especial as *Umbelliferae*), tendo em vista a publicação de trabalhos científicos.²⁶

Depois, em seu encaicho, segue outro docente da Escola Médica, director do Jardim Botânico universitário e ictiologista de renome, Antoine Gouan (1733-1821),²⁷ que recorrerá aos préstimos de alunos brasileiros – desde sempre atraídos à cidade gaulesa pela fama dos estudos médicos – para facilitar a correspondência com a Ajuda²⁸ e que se propõe a intercambiar plantas secas para enriquecer os herbários de ambos os jardins:

Je desire ardemment des plantes seches de vos environs et de tout le Portugal [...]. Dailleurs si vous avés mès ouvrages botaniques vous verrés quelles sont celles que vous pouvés m'envoyer et qui me manquent. [...] Je travaille a mon second volume d'observations botaniques in folio avec estampes, et j'ose vous assurer que vous y aurés un exemplaire dés qu'il sera imprimé. Vous y aurés beaucoup de plantes pyrenéenes seches pour votre hercier. [...] Je désire surtout toutes les plantes nouvellement découvertes par vous, dans tous les genres et familles ou classes.²⁹

²⁵ “Este principio del expolio universal nunca fue cuestionado en Francia y la única regla a la que se sometió fue la de la discrecionalidad del emperador y de sus parientes o la conveniencia política – pues había lugares en los que a Napoleón no le interesaba presentarse como un vándalo. Fue más tímida en el Piamonte, Sajonia o Nápoles o más ofensiva en Alemania, Austria y, finalmente, España” (Bolaños, 1997, p. 142). Ver também Poulot (1997, pp. 215-27).

²⁶ Cartas de Pierre Cusson (23 de setembro de 1770, 5 de fevereiro de 1772 e 10 de junho de 1776), AHMB, CE/C -25, -26, -27. A relação de Cusson com o Real Jardim Botânico de Madri também se encontra documentada por meio de quatro cartas enviadas a C. Ortega entre 18 de janeiro e 14 de setembro de 1785. O Jardim de Montpellier tinha perdido o antigo esplendor que Cusson queria recuperar solicitando a ajuda dos amigos peninsulares. Ortega enviou-lhe várias sementes, apesar das querelas diplomáticas então verificadas entre naturalistas dos dois países (Sarmiento, 1988, p. 180).

²⁷ Gouan ocupará esses cargos até 1803, data em que será substituído por Broussonet, seu antigo discípulo (Motte, 1981).

²⁸ Cf. Manuel Xavier de Vasconcelos Pedrosa, *Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do século XVIII*, 1959, apud Simon (1983, p. 119). “J'ay longtems désiré entrer en correspondance avec vous, je vous l'ay fait temoigner verbalement par un de mès elevés. Mr. Gomes docteur de notre université veut bien se charger de vous rappeler encore mès sentiments et je lui remet avec cette lettre un petit paquet de graines qui peutetre vous feront plaisir, dumoins je le desire. Si Mr. Gomes ne fut pas parti si prontement vous auriez reçu des plantes seches, mais vous les aurés par la premiere ocasion” (Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli. Montpellier, 14 de outubro de 1778. AHMB, CE/G -103).

²⁹ Id., ibid.

De Paris, chega uma primeira carta, em 1779, assinada pelo “Abbé Nolin Directeur general des pepinières et jardins de S. M. tres chretiene”. Em boa verdade, não se trata propriamente de correspondência com a Ajuda, mas antes de uma resposta (de resto não de todo simpática, a roçar a arrogância) a uma iniciativa de Vandelli sobre as coleções particulares de D. Pedro José de Noronha, Marquês de Angeja, de que o paduano também era curador.

Por isso, datemos com mais precisão o início das trocas epistolares com o *Jardin des Plantes* a partir da carta de G. G. Renault, expedida em abril de 1783. Ela cumpre exatamente esse papel de iniciadora de contatos, de abertura de portas pessoais e institucionais, propondo sociabilidades sem limites de fronteiras nacionais. Apresenta, além do mais, o acrescido interesse de situar no tempo o início dos contatos com a figura que durante anos será o rosto visível da velha instituição botânica parisiense, o jardineiro-chefe Thouin:³⁰

Procurant une correspondance mutuelle entre votre jardin de Botanique et celui de France: c'est avec Monsieur Thouin que je vous propose de communiquer, s'il ne vous fut connu déjà, par plus d'un juste titre, j'aurais eu la satisfaction de vous parler de son mérite, mais comme il est au dessus de toutes éloges, il me suffit de vous prévenir, d'une grande exactitude de sa part et que c'est uniquement pour le plaisir de la chose quil travaille; J'ai donné, votre adresse en Hollande a Chevalier Stool homme fort connu, par son ouvrage sur les papillons exotiques, il a amplifié celui de Cramer et se propose d'y donner un nouvel suite, je l'ai aussi laissée a Bruxelles, a Chevalier Burtin, ancien medecin de feu le prince Charle, il donne au public des gravures fort interessantes des fossiles qui se trouvent dans les Pays Bas; l'un et l'autre sont très honnêtes personnes et je serai très satisfait, si je puis, par la, vous procurer quelques agréments.³¹

Os biógrafos de André Thouin (1747-1824) traçam dele um perfil muito semelhante ao do influente Joseph Banks e apresentam-no como um homem obstinadamente dedicado às suas funções botanistas no *Jardin du Roi*.³² Apesar de ter sido eleito membro da Academia das Ciências e da Sociedade Real de Agricultura, sua obra de investigação é praticamente inexistente, tendo-se distinguido sobretudo como administrador de políticas científicas do Estado francês, nomeadamente no sensível capítulo das relações externas de que é exemplo flagrante o bem conhecido caso da expedição hispano-gaulesa ao Peru e ao Chile (1777-1788).³³

É esse homem, culto e amável, que em abril de 1783 se apresenta a Domingos Vandelli oferecendo uma agradável e frutuosa “correspondance d'échanges entre le Jardin Royal de Botanique de Paris” e o da Ajuda, propondo um método prático para sua concretização por meio da troca de catálogos:

³⁰ O conde de Buffon (1707-1788) será, todavia, até morrer, seu responsável científico.

³¹ Carta de G. G. Renault a Domingos Vandelli. Paris, 7 de abril de 1783. AHMB, CE/R -30.

³² Ver Mallet (1981), Boyer (1973) e Letouzey (1989 apud Poulot, 1997, p. 219).

³³ Ver Sarmiento (1988, pp. 161-5).

Veillez donc je vous prie, monsieur, pour commencer m'inscrire un Catalogue de tous les objets que vous desirez, ou ce qui serait mieux, me faire passer le Catalogue de tout ce que renferme votre jardin, par-ce qu'alors il me sera aisé de voir ce que vous possédez et de vous envoyer ce qui vous manque.³⁴

Anos depois, em 1791, agradecerá ainda a gentileza do envio de duas obras vandellianas – o *Viridarium lusitanicum* e a *Flore portugaise et brasiliene* – que, confessa, “m'ont fait le plus grand plaisir”.³⁵

Em meados dos anos oitenta, outra excepcional personalidade do meio científico francês – o secretário perpétuo da Sociedade Real de Agricultura de Paris, Pierre-Marie-Auguste Broussonnet (1761-1807) –³⁶ dirige-se a Vandelli dando-lhe conta de ter sido feito sócio correspondente, com base, como explica, em suas “descobertas em economia rural”. Termina com um caloroso apelo para que o italiano permita a publicação de seus textos pela sociedade parisiense.³⁷

De seu nome completo Charles Louis L'Heritier de Brutelle, este outro correspondente do diretor da Ajuda parece ter sido personagem apaixonante mas controversa, a ponto de ter estado na origem de um conflito diplomático-naturalista entre a França e a Espanha. Antes de se arruinar por completo, sua imensa fortuna permitia-lhe cultivar a botânica em dois jardins de propriedade pessoal, um em Paris e outro na Picardia. Mantinha a expensas próprias um grupo de jovens recolectores que percorriam o país a fim de saciar seu afã de colecionador de plantas, incluindo até alguns desenhadores-botânicos, como o afamado pintor floral Pierre Joseph Redouté.³⁸

Duas cartas a Vandelli testemunham uma infatigável atividade de divulgador de novas espécies solicitando o envio da variedade lusitana do *Geranicum*, sobre a qual preparava uma monografia. Na primeira das missivas, faz referência ao envio de uma obra sua – certamente a *Stirpes novae* (1784), cuja publicação deixara um halo de escândalo por utilizar informações, consideradas confidenciais, sobre a flora peruana – por intermédio de um antigo discípulo de Vandelli em Coimbra, o médico Manuel Arruda da Câmara (1752-1810):³⁹

³⁴ Carta de André Thouin a Domingos Vandelli. Paris, 8 de abril de 1783. AHMB, CE/G -104.

³⁵ Carta de André Thouin a Domingos Vandelli. Paris, 25 de março de 1791. AHMB, CE/G -105.

³⁶ Cf. sua biografia científica, com referência ao conhecido episódio de se ter refugiado em Portugal (1794), sendo acolhido na Academia das Ciências pelo Abade Correia da Serra, situação que alegadamente terá ocasionado dissabores políticos ao naturalista português, podendo estar na origem de seu segundo exílio (Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonnet*, 1981). Broussonnet foi também o fundador da Sociedade Linneana, em Paris (1787-1789).

³⁷ Cf. Carta de Broussonnet a Domingos Vandelli. 31 de agosto de 1785. AHMB, CE/B -78.

³⁸ Ver Sarmiento (1988, pp. 165-7).

³⁹ Aparentemente, essa interferência de Heritier a favor de uma boa colocação para Câmara obterá seus frutos, como narra Simon a partir de uma carta que existia no AHMB, antes do incêndio de 1978: “When Manuel Arruda da Câmara was a student of Domingos Vandelli at the University of Coimbra, he was already an ordained priest in the Carmelite Order, having taken the name of the Padre Manuel do Coração de Jesus Arruda. After Coimbra, he studied medicine at Montpellier, France, where he was one of the several Brazilian students at the Faculty of Medicine. At Montpellier he obtained na ecclesiastical release from the priesthood and eventually returned to his native Pernambuco. Manuel Arruda da Câmara was commissioned by D. Rodrigo de Sousa Coutinho to ‘travel the entire Captaincy of Pernambuco’. In a letter of 11 December, 1797, to Vandelli, written during his travel, he thanked his former professor for having aided him in receiving the appointment” (Simon, 1983, p. 119).

[...] J'ai toujours eu le desir de vous offrir mon ouvrage [...] Je profite aujourd'hui du départ de M. da Camera docteur en Medicine de Montpellier et Correspondent de notre Societé d'Agriculture pour vous en dresser les premiers Cahiers. [...] M. Ferreira da Camara retournera [...] au Bresil sa patrie, ou il se propose de s'occuper d'histoire naturelle, et de faire de son mieux pour la Botanique. Je pense qu'il deviendra un homme precieux pour son pays et a ce titre j'ose vous prier de l'accueillir et favoriser.⁴⁰

Brotero, nos anos oitenta, havia frequentado os museus, os jardins botânicos e as universidades francesas, ali tendo obtido o doutoramento em Medicina e publicado sua primeira obra botânica antes de ingressar na Universidade em substituição de Vandelli.⁴¹ Correia da Serra, nos primeiros anos dos Oitocentos, apregoava sentir-se melhor em Paris – onde os periódicos científicos lhe acolhiam os festejados artigos de Carpologia – do que na pátria, chegando a confessar querer passar seus últimos anos de vida naquele paraíso terrestre:

Aqui achei o que podia desejar para os poucos dias que me restam de viver. O Jardim das Plantas, muito aumentado, o Gabinete de História Natural formosamente arranjado, pelo que toca à ciência, formosa livraria e vinte e três naturalistas e letrados vivendo dentro do novo Jardim das Plantas e edifícios pegados a ele. Conversação, lições gratuitas, objectos para examinar, luzes novas e curiosidades satisfeitas cada dia. Se houvesse cousa, que se parecesse com os Campos Elísios, é esta e por certo depois do que tenho visto seria absurdo desejar outra coisa. Me voici donc jusqu'à la mort, nas visinhanças do Faubourg S. Victor [...].⁴²

Até que ponto esse privilegiado relacionamento intelectual fundamentava bem o conhecimento da França sobre a nossa realidade *naturalista* pode ser avaliado pela cópia de pormenores insertos na carta que Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836) – uma das maiores personagens do meio científico gaulês e membro de famosa “dinastia” de botânicos – dirige ao ministro Sousa Coutinho, em 1802, sugerindo-lhe a passagem das ligações científicas a um patamar mais elevado de colaboração.⁴³

Jussieu considerava elogiosamente D. Rodrigo o “Protecteur en Portugal” das ciências e, como tal, favorecedor da correspondência entre os que a cultivam com o fito de que “Il en résulte une communication de lumières utiles à tous”. Como consequência nefasta da ausência de mútuos contatos entre os meios científicos europeus, apresentava o exemplo, então muito comentado, da publicação que se prepararia em Madri sobre a botânica do Peru, obra em que – argumentava Jussieu – seus autores “donnent quelque

⁴⁰ Carta de Heritier a Domingos Vandelli. Paris, 21 de junho de 1786 e 31 de outubro de 1787. AHMB, CE/H 30, 31. “J'imprime en ce moment une monographie sur le *Geranicum*. Vous serait-il possible de me procurer des especes indigines au Portugal?” (Carta de Heritier a Domingos Vandelli. Paris, 31 de outubro de 1787. AHMB, CE/H 31).

⁴¹ Cf. *Noticia biographica do doutor Felix de Avellar Brotéro* (1847) e Fernandes (1944).

⁴² Carta de Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho. 11 de junho de 1802 (apud Carvalho, 1948).

⁴³ Carta de Antoine Laurent de Jussieu a D. Rodrigo de Sousa Coutinho. 17 de julho de 1802 (apud Osório, 1918, pp. 179-80). Existe também uma carta, em latim, dirigida a Vandelli nos anos oitenta: Carta de Antoine Laurent de Jussieu a Domingos Vandelli 30 de junho de 1786. AHMB, CE/D -22.

fois comme nouveaux des genres déjà connus parce qu'ils n'ont pu visiter auparavant les Herbiers des Français et des Anglois”.

Para evitar que o mesmo sucedesse no caso da flora brasileira (considerada mais variada que as do Peru e do Chile), propunha ao ministro responsável pelo complexo da Ajuda “faire extraire des échantillons bien numérotés des Herbiers [...] qui doivent exister dans vos Collections d'Histoire Naturelle, avec l'attention d'attacher des numéros pareils aux individus semblables”. A partir de então, seria possível estabelecer uma nomenclatura uniforme, por meio da comparação com as classificações adotadas no Jardim das Plantas parisiense. Seria assim possível envolver os “Savants de Lisbonne” num programa de observações comum e “Il en resulterait un rapport exact entre les Herbiers des deux pays”, ou seja, a construção em parceria de um instrumento científico essencial ao campo disciplinar da botânica.

A formação naturalista gaulesa do médico Manuel Arruda da Câmara voltava aqui a ser invocada, tanto mais que, de regresso ao Brasil, prometera a seu mestre, nas aulas parisienses de botânica, remeter-lhe produtos naturais americanos. Tal não tendo ainda sucedido – provavelmente devido à guerra –, Jussieu confiava agora nos bons officios de Sousa Coutinho, na esperança de “que le retour de la paix facilitera les communications, surtout si vous avez la bonté de les favoriser”.

A última referência deixava-a para o diretor do Jardim Botânico de Coimbra, o qual, pelo nosso canal diplomático na capital francesa, teria também manifestado o desejo de com ele se corresponder.⁴⁴ Jussieu garantia então ao ministro protetor desse professor universitário que “sa Correspondance [de Brotero] j'accepte avec beaucoup de plaisir. Je serai toujours disposé à donner des plantes de divers pays en échange de celles du Brésil et de la côte de Malabar”.⁴⁵

D. Rodrigo de Sousa Coutinho não ficará naturalmente indiferente a tão formal manifestação de empenho no aprofundamento das relações científicas com o nosso país – em que pese a complexa teia de relações internacionais que então se urdiam e

⁴⁴ Um interessante documento da mesma época dá conta do pensamento das autoridades universitárias a propósito do intercâmbio científico com a Europa, e com a França em particular. Trata-se de instruções dadas pelo vice-reitor ao lente de mineralogia e hidráulica, Manuel Pedro de Melo (1765-1833) enviado em viagem de estudo aos centros de investigação europeus: “6. Na visita de gabinetes de Historia Natural poderá achar ocasião de estabelecer uma correspondencia com o nosso para se lhes dar muitas cousas que nos hão de sobejar, e de que elles terão falta, como são os productos privativos das nossas colonias em troco de outros do norte, da Europa e do Egipto, Arabia e Persia, de que há de haver agora abundancia na França. Se tiver logar esta especie de commercio, será necessario estabelecer bem as bases d'elle, e os canaes de comunicação para se tractar da qualidade e quantidade dos productos que se houverem de permutar. E n'esta, assim como em todas as outras correspondencias, convém, muito notar e conhecer bem o character moral das pessoas com quem se ha de tractar. [...]”. Carta de José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos. 20 de dezembro de 1801 (apud Rocha, 1889, p. 269). Em artigo publicado em 1817, esse professor dá conta de ter visto no *Muséum* de Paris o espólio retirado da Ajuda por Geoffroy: “O Museu de Hist. Nat. de Paris, prodigiosamente enriquecido pelas preciosidades d'aquelles por onde passáram os Exercitos Francezes, contém uma infinidade de presentes de Particulares, e especialmente dos Professores. Como Portuguez, não poderia deixar de notar alí com o seu competente rotulo alguns d'aquelles que o Professor Geofroi levou de Portugal: Mr. Geofroi não diz no rotulo que lh'os derão ou que os comprára em Portugal, mas tão sómente *apporté de Port.*” (Melo, 1817, pp. 59-61).

⁴⁵ Todas as citações utilizadas foram transcritas da Carta de Antoine Laurent de Jussieu a D. Rodrigo de Sousa Coutinho. 17 de julho de 1802 (apud Osório, 1918, pp. 179-80).

que o há de afastar do poder, acusado de anglofilia – já que tal enquadrava bem no seu programa de reformas *ilustradas* da sociedade portuguesa, apressando-se a enviar para a Ajuda a carta do professor do *Jardin des Plantes* acompanhada de um texto que constitui a expressão genuína do pensamento político de um notável governante setecentista:

O Príncipe Regente Nosso Senhor Manda remetter a V. M.ce a inclusa Copia de hua Carta de Jussieu, para que aproveitando-se V. M.ce das vantagens, que desta Correspondencia devem resultar ao adiantamento da Botanica, tenha ocasião não só de augmentar a cultura do Jardim Botanico d’Ajuda e seu competente Herbario, mas tambem de segurar a exacção dos Nomes Botanicos; comparando os Nomes das Plantas, que Jussieu mandar, com os que aqui estiverem em uso, para mutuamente se fixar os que devem adoptar-se; e ficar-se usando, no que tambem muito pode utilizar o adiantamento da Sciencia.⁴⁶

É por isso indelével que até à imposição de um relacionamento de dominação belicista existe uma tradição de permuta científica, um fluxo epistolar que circula em ambos os sentidos longamente alimentado e acarinhado na Ajuda, em Coimbra, em Paris, em Montpellier e que será, de resto, lentamente retomado depois da aventura espúria do imperialismo napoleônico.⁴⁷

A primeira manifestação desse conceito de diplomacia agressiva fora eloquentemente ensaiada em Lisboa pelo embaixador Jean Lannes (1802-1804), cuja proverbial venalidade o implicou numa política de rapacidade no Museu régio da Ajuda em proveito próprio, já que não se encontram rastros em qualquer museu francês das sucessivas requisições de produtos impostas às autoridades portuguesas:⁴⁸

Relação dos passaros que se remetterão deste Real Musêo no dia 17 de Outubro de 1803 a M. Lanes [sic] [...] NB. Estes 31 Passaros acima mencionados, forão os que se

⁴⁶ Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli. 23 de dezembro de 1802. *Livro de registo dos decretos*, MCUL. Nesse mesmo ano, anteriormente à carta de Jussieu, registam-se notícias relativas a intercâmbio de produtos com a França: “Amostras de madeiras das melhores cores enviadas para França” (*Livro de registo dos decretos* (1802), MCUL); “Plantas e arbustos enviados de Tenerife, por Luís António de Araújo, para serem semeados e cultivados no J. Botânico. Dados pelo Cônsul francês naquela ilha, Senhor Brussonet” (id., ibid.); “O Ill. mo e Ex. mo Sr. Visconde de Anadia manda dizer ao Sr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que sendo necessario mandar vir de Africa, e Brasil alguas Sementes, e Cebôlas das Plantas mais raras, que se encontrarem nas nossas Colonias, a fim de serem transportadas a Paris; se faz igualmente preciso que S. M.ce remette a esta Secretaria de Estado com a possivel brevidade hua Nota sobre o modo de conduzir as mesmas Sementes, e Cebolas em forma tal que ellas não percão a sua força vegetativa. Secretaria de Estado em 11 de Outubro de 1802” (id., ibid.).

⁴⁷ O restabelecimento de normais relações científicas entre Lisboa e Paris pode ser comprovado por fontes muito abundantes e esclarecedoras, nomeadamente pelo testemunho de viajantes franceses depois das guerras peninsulares, empenhados em repor a credibilidade, muito abalada, de seus cientistas envolvidos nas políticas napoleônicas (cf. D’Hautefort, 1820; Tollenare, 1971).

⁴⁸ Mesmo uma recente obra (escrita em francês e publicada por um departamento estatal português, com a coautoria de prestigiado cientista português falecido), apesar de lamentavelmente parcial, historicamente mal fundamentada, documentalmente muito pobre e comungando de uma inaceitável desculpabilização do saque de 1808, considera infeliz a atitude de J. Lannes, influenciado, segundo os autores, pela cobiça da mulher, que via nesses objetos retirados da Ajuda uma oportunidade de emular o gosto colecionista da primeira mulher de Napoleão, Josefina (1763-1814) (cf. Daget e Saldanha, 1989). O zoólogo Carlos Almaça também discorda das interpretações históricas e científicas assumidas pelos autores a propósito do episódio Saint-Hilaire: “Com efeito, nenhum naturalista experiente deixará, pelo menos, de sorrir quando lê que o saque de centenas de exemplares, muitos dos quais pertencentes a espécies ainda não descritas, foi a compensação pelo trabalho de ordenação de parte das coleções do Real Museu e cedência de amostras de minerais já bem conhecidos, que Etienne Geoffroy teria trazido de Paris” (1993, pp. 45-6).

tirarão dos dois Armarios grandes, que vierão do Rio de Janeiro; e se receberão no dia 17 de Junho de 1803. [...] Estes 73 Passaros erão os que se achavão em hum dos dois Armarios de vidraças com 4 arvores; em cujo dito Armario forão os referidos Passaros acondicionados juntamente com os 31 que se tirarão dos dois Armarios vindos do Rio de Janeiro [...] Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 26 do mesmo mez de Outubro de 1803, cinco Passaros, que se tirarão dos armarios do Museu [...] Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 21 de Dezembro do mesmo anno 15 Passaros [...] Remetterão-se mais ao referido Embaixador no dia 7 de Maio de 1804, os 2 Passaros seguintes [...] [total] 126. [...] Relação das Conchas, que deste Real Museu se remetterão ao General Lasnes [...] no dia 13 de Março de 1804 [total] 1481 [...] Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 7 de Maio de 1804 as Conchas seguintes [...] [total] 2185.⁴⁹

Questão que se tem colocado com cíclica frequência – a propósito do esbulho das coleções naturais do Real Museu da Ajuda em 1803, 1804 e 1808 – é saber até que ponto terá influído decisivamente tanto na desarticulação da organização museológica (sendo responsável, em última análise, pela decadência e a morte dos estabelecimentos) quanto no atraso verificado na investigação oitocentista em ciências da natureza.

Se, em relação à primeira componente do binômio, parecem não restar muitas dúvidas de que assim terá acontecido (tanto mais que essa foi a unânime leitura produzida na época, face aos efeitos globais na sociedade portuguesa das invasões francesas e da saída da corte para o Brasil), já no que diz respeito a uma ligação causa-efeito entre pilhagem de produtos e ausência de trabalho científico (opinião genericamente proveniente de naturalistas),⁵⁰ alimentamos a maior das reservas atendendo ao que deixamos analisado a propósito das limitações administrativas impostas ao nosso acanhado meio profissional.

De fato, é amplamente documentável, até mesmo em testemunhos de viajantes ingleses, a percepção de que a passagem do comissário francês conjugada com a longa ausência do rei provocara danos irreparáveis nesta, como noutras, repartições públicas:⁵¹

⁴⁹ *Relações dos productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao general Lasnes [sic], embaixador da Republica Franceza nesta corte (agosto de 1803 – maio de 1804)*, AHMB, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n. 22. “O Príncipe Regente Nosso Senhor He Servido Mandar ratificar a V. M.ce a Ordem para a entrega das Collecções de Sementes, de Animaes, das Minas de Ouro do Brasil, e das Pedras preciosas do mesmo; e igualmente das Conchas, e das Madeiras do Brasil, que V. M.ce fez ao General Lasnes; e para sua salva, e guarda, participo a V. M.ce, de Ordem do mesmo Senhor esta ratificação. Deos Guarde a V. M.ce. Paço em 17 de Novembro de 1803. Visconde de Balsemão. Senr. Domingos Vandelli” (Carta do Visconde de Balsemão a Domingos Vandelli. 17 de novembro de 1803. *Livro de registo dos decretos*, MCUL).

⁵⁰ Apesar de ser uma opinião já enunciada por J. V. Barbosa du Bocage – “O célebre naturalista francês compreendeu a importância científica das colleções do Museu da Ajuda, compostas em grande parte de espécies que ali via pela primeira vez; escolheu portanto e fez transportar para Paris por ordem do General em chefe do exército invasor, todos ou quase todos os objectos que os compunham. As colleções que assim foram remetidas para França compreendiam perto de 1.600 exemplares zoológicos, diversos herbários muito interessantes do Brasil, Angola, Cabo Verde, Peru, Goa, Conchichina (este último do nosso célebre Loureiro); um grande número de minerais, quase todos metais preciosos e vários fósseis. Desta época data com a ruína total do nosso Museu a decadência das ciências naturais no nosso país; Brotero e Alexandre Rodrigues Ferreira não têm tido sucessor” (*Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa*, 1862) –, nos nossos dias, tem sido insistentemente assumida por Almaça (1992b, 1993, 1996).

⁵¹ Também na Espanha parecem ter sido muito extensos os efeitos das guerras peninsulares nos estabelecimentos museológicos e científicos: “La invasión napoleónica representa el inicio de una decadencia catastrófica de la ciencia española que afectó, en primer término, al propio Gabinete carolino, cuyas colecciones fueron expoliadas, con la consiguiente pérdida de piedras y productos de valor insustituible” (Bolaños, 1997, pp. 133-4).

“Adjoining the museum is a small botanical garden for exotic plants; but in this, as in every other department, the king’s absence at Rio has been productive of no amelioration, and pilfering of every kind has been carried on with impunity”.⁵²

The royal museum at Belem, although ransacked by the French savans, still contains a magnificent assortment of stuffed birds and beasts, minerals, fossils, and other curiosities. The most valuable of them have been packed up, under the apprehension of a second visit from those rapacious virtuosi.⁵³

Há, no entanto, uma dimensão que não pode ser esquecida e que cremos constituir, essa sim, uma limitação estrutural e que é de ordem humana e material. Como poderia um programa de investigação naturalista (sabendo-se que empenharia, como no *Muséum* parisiense, equipes em labor quase vitalício) ser praticado num estabelecimento dirigido por um alquebrado septuagenário e por um doente crônico entrevado, sendo depois substituídos por um botânico jubilado da Universidade, debilitado por constantes enfermidades?⁵⁴ Mais ainda: a estes dirigentes se reduzia o quadro de naturalistas profissionais com formação técnica superior; outros funcionários dispunham apenas de formação intermédia e cumpriam funções de apoio (preparadores do museu, desenhadores e gravadores, jardineiros-botânicos).

Por outro lado, o contexto administrativo e financeiro durante os atribulados anos de 1808 a 1836 é de corte de despesas e de despedimento de pessoal, mantendo-se a tendência inaugurada pela administração Junot.⁵⁵ Como denunciaram Vandelli e Brotero, muitos empregados do Museu e do Jardim Botânico abandonarão seu posto de trabalho

⁵² A. P. D. G. – *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character*, 1826, p. 85. Também a mordacidade nacional deixou expressa uma contundente crítica à pilhagem dos museus da Ajuda (e do Maynense): “Seria razão enviar esta raridade [a água napoleônica] em algum dos caixotes que estavam destinados para transportar o Museo Régio e o Mainense. [...] Mandou [Junot] que o Depósito Público, o qual se tinha mandado para bordo da nau Vasco da Gama tornasse para a sua antiga Casa ao Largo do Pelourinho; assim como o Real Museo para a Quinta de Belém donde tinha saído, havia poucos” (D’Oliveira, 1907, pp. 34-5, 39).

⁵³ Cf. Eliot (1811, p. 175).

⁵⁴ “Tendo tomado alguns banhos das Caldas, p.^a me restabelecer dos ataques rheumaticos, q. nesses tempos da primeira invasão franceza padeci repetidas vezes [...] Alem disso conto já vinte annos de serviço de Universidade, tempo em q. os lentes della costumão ser jubilados [...] O Dr. Domingos Vandelli foy daqui expulso, como V.^a Ex. cia sabe, e demais disso a sua m.to propecta idade o tem posto já em estado de inaptidão, e de ser aposentado; [...] o Dr. Alexandre, subalerno de Vandelli e Inspector das Quintas do Infantado, acha-se há trez annos convulso e entrevado em huma camma, como he notorio, sem esperanças de restabelecimento [...] por outro lado o Jardim Real da Ajuda, q. com o Museo tem custado mais de dois milhões, e algumas Quintas reaes, que custarão grandes sommas, estão em m.ta decadencia, e precisão de hum Inspector intelligente, q. vigie e cuide na sua conservação, a qual pode m.to bem effectuar-se com certa economia [...] exige o estado actual da decadencia do Jardim da Ajuda e das Quintas reaes do Infantado; q. tem estado debaixo da Inspeção dos Drs. Vandelli e Alexandre. [...] na expulsão de hum delles e na invalidez de outro” (Carta de Brotero ao Conde de Galveias, 6 de dezembro de 1810, transcrita do AHU (apud Lima e Júnior, 1944, pp. 34-5).

⁵⁵ Um decreto de Junot reduz à metade a consignação mensal à Ajuda. O *Livro de registo dos decretos* documenta também outros atos administrativos de Junot, em 1808. Começa por pedir ao diretor uma relação de nomes, empregos e ordenados dos funcionários e despesas necessárias para a conservação do estabelecimento. Nessa sequência, faz registrar a seguinte ordem: “O Director do Jardim Botânico do Palacio do sitio da Ajuda fique na intelligencia; de que deverá reduzir os jornaes das pessoas nelle empregadas, assim como as despesas de maneira que não excedão a consignação estabelecida, a fim de que não hajam dividas; deferido assim o requerimento dos mesmos empregados. Lisboa 27 de Julho de 1808. Com a rubrica do Presidente do Real Erario”. Depois da saída dos franceses, mantem-se, todavia, a política de diminuição drástica de despesas, pedindo-se que se indiquem as reduções possíveis de efetuar “sem se faltar com tudo ao que for indispensavel para a cultura, e conservação do mesmo Jardim, e Museo”.

buscando na incorporação castrense ou na mendicidade a dignidade perdida.⁵⁶ É difícil, pois, imaginar que tal programa de pesquisa pudesse ter sido cumprido entre nós, mesmo que as coleções que legitimamente pertenciam aos que as tinham esforçadamente coletado não tivessem sido sonegadas em proveito de outra comunidade museológica e científica, que, provida de poderosos meios, as descreveu, classificou e incorporou como suas.⁵⁷

REFERÊNCIAS

- ALMAÇA, Carlos. “Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico-natural do Brasil”. *Oceanos*, Lisboa, jan. 1992a, n. 9, p. 54.
- . *A expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no contexto histórico-natural da sua época*. Lisboa: Academia da Marinha, 1992b.
- . *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de História Natural, 1993, nota 41, pp. 45-6.
- . *A natural history museum of the 18th century: the Royal Museum and Botanical Garden of Ajuda*. Lisboa: Museu Bocage, 1996.
- AZEVEDO, Pedro de. *Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa, 1919-1920*. *Boletim da Classe de Letras*, Academia de Ciências de Lisboa, 1921, n. XIV, s. p.
- BOCAGE, J. V. Barbosa du. *Instruções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.
- BOLAÑOS, María. *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*. Gijón: Ediciones Trea, S. L., 1997, p. 142.
- BOYER, Ferdinand. “Le Muséum d’Histoire Naturelle à Paris et l’Europe des sciences sous la Convention”. *Revue d’Histoire des Sciences*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973, v. 26, n. 3.
- BRIGOLA, João Carlos. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

⁵⁶ “Obrigado a mendigar do mesmo Governo hum escasso sustento p.^a aqueles, que estavam empregados no referido Jardim, a fim de evitar a sua total ruína” (*Requerimento de Domingos Vandelli para obtenção de sege*, s. d, [1808] ANTT, Ministério do Reino, maço 279, cx. 372, 1801-1818); “Os empregados nestes serviços, tanto nos do Museu como nos do Jardim, são pobres e logo que não são pagos desertão, ou empregão o tempo em pedir esmola, como aconteceu no periodo da primeira invasão Franceza em Lisboa, e por esse motivo então os dois Estabelecimentos soffrerão grande decadencia, e chegarão quasi ao ponto de ficar de todo arruinados” (Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro. 16 de novembro de 1822. ANTT, Ministério do Reino, maço 444, cx. 555, 1821-1833); “[...] na última reforma, nimamente mesquinha, iniqua e irregular, feita pelo Ex-Governo Constitucional na Administração deste Real Museo e Jardim Botânico” (Ofício de Brotero a Joaquim Pedro Gomes de Oliveira. 22 de agosto de 1823. ANTT, M. do Reino, maço 444, cx. 555); “Snr. Bispo de Viseu. Pela segunda e ultima reforma feita pelo Governo revolucionario na administração deste Real Jardim Botânico, de que sou director, sem embargo das minhas representações em contrario, foi diminuido o numero dos trabalhadores effectivos empregados no seu serviço. Como tão bem o jornal dos que ficarão conservados, e se recommendou ao Vice- Inspector das Obras do Real Palacio da Ajuda, que somente houvesse de pagar aos que pela reforma ficavão conservados, mas a nenhum outros alguns, que eu de novo admitisse, o que tudo foi pretextado com razões de economia; mas esta reputada economia não tem sido mais c’o que huma miseravel e excessiva mesquinheza, que presentem.te acho ser incompativel com a conservação e aceio de hum Estabelecim.to, que foi feito para instrução e recreio da real Familia, e que alem disso não deixa de ser util ao Publico” (Representação de Félix de Avelar Brotero ao Bispo de Viseu. 17 de março de 1827. ANTT, Ministério do Reino, maço 444, cx. 555, 1821-1833); “Os ultimos acontecimentos derão lugar a que a maior parte dos Empregados nestes Reaes Estabelecimentos se reunissem huns aos Corpos de Voluntarios Realistas, e Companhias Urbanas, aonde tem praça, e outros forão pela Ley chamados aos corpos de primeira Linha aonde tinhão servido: nestas circunstancias ficarão estes Estabelecimentos sem os Empregados necessarios p.a a sua conservação” (Ofício do Escrivão da Fazenda do Real Museo ao Conde de Basto. 8 de agosto de 1831. ANTT, Ministério do Reino, maço 444, cx. 555, 1821-1833).

⁵⁷ É possível, nessa perspectiva, estender a Portugal a certa análise do botânico inglês David Don: “Tal vez ningún pueblo há realizado mayores sacrificios por la ciencia como la nación española. Sus expediciones y viajes de descubrimiento se llevaron a cabo con la mejor munificencia y en extensiva escala; desafortunadamente sus resultados tuvieron poca posibilidad de ser conocidos por el mundo científico” (apud Bolaños, 1997, p. 135).

- . *Coleccionismo no século XVIII – textos e documentos*. Porto: Porto, 2009.
- CARVALHO, Augusto da Silva. “A vinda de Geofroy Saint-Hilaire a Lisboa”. *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, 1930, nova série, v. II, pp. 900-3.
- . *O abade Correia da Serra*. Lisboa: Academia das Ciências, 1948.
- DAGET, Jacques e SALDANHA, Luiz. *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*. Lisboa: Publicações Avulsas do Instituto Nacional de Investigação das Pescas (INIP), 1989, n. 15.
- D’HAUTEFORT, Charles-Victor. *Coup-d’oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814*. Paris: Delaunay, 1820.
- D’OLIVEIRA, João Braz. *Uma recordação dos tempos de Junot – a Gazeta d’Almada (1808)*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1907, pp. 34-5, 39.
- ELIOT, William Granville. *A treatise on the defence of Portugal*. Londres: T. Egerton, 1811, p. 175.
- FERNANDES, Ablílio. *Felix de Avelar Brotero e a sua obra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1883.
- FERREIRA, J. Bethencourt. “Museu de historia natural. A invasão francesa e Geoffroy Saint-Hilaire (a propósito dum artigo do professor R. Blanchard)”. *Polytechnia – Revista de Sciencias Medicas e Naturaes*, Lisboa, 1907, v. III, n. 6, pp. 189-99.
- . “A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808. Documentos para a história do Museu Nacional de Lisboa”. *Boletim da Segunda Classe*, Academia de Ciências de Lisboa, 1923, n. XVII, pp. 208-27.
- FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. “Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX)”. *ASCLEPIO – Revista de História de la Medicina y de la Ciencia*, 1998, v. 50, n. 2, pp. 107-23.
- FISCHER, J.-L. “Chronologie sommaire de la vie et des travaux d’Etienne Geoffroy Saint-Hilaire”. *Revue d’Histoire des Sciences et de leurs applications*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972, v. 25, p. 294.
- HAMY, E.-T. *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*. Paris: Masson, 1908, pp. 1 e ss.
- JOVET, J. e MALLET, M. “André Thouin”. *Dictionary of scientific biography*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1981, v. 13, p. 390.
- LAISSUS, Y. “Catalogue des manuscrits d’Etienne Geoffroy Saint-Hilaire”. *Revue d’Histoire des Sciences et de leurs Applications*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972, v. 25, n. 4, pp. 365-90.
- LETOUZEY, Yvonne. *Le Jardin des Plantes à la croisée des chemins avec André Thouin (1747.1824)*. Paris: Muséum National d’Histoire Naturelle, 1989.
- LIMA, A. Pires de e JÚNIOR, J. R. Santos. *Cartas inéditas...* Porto: Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, 1944, pp. 34-5.
- LINK, H. F. et al. *Flore portugaise; ou Description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal*. Berlim: De l’Imprimerie de Charles Frédéric Amelang, 1809-1820, t. I, p. 4.
- MELO, Manuel Pedro de. “Carta e nota do importante donativo de máquinas que fez á Universidade”. *Jornal de Coimbra*, 1817, v. XI, n. LV, Parte I, pp. 59-61.
- MOTTE, Jean. “Pierre-Marie-Auguste Broussonet”. *Dictionary of scientific biography*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1981, v. I, pp. 509-11.
- OSÓRIO, Baltasar. “Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d’Avelar Brotero”. *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 1918, v. V, pp. 179-80.
- POULOT, Dominique. *Musée, nation, patrimoine – 1789-1815*. Paris: Gallimard/Bibliothèque des Histoires, 1997, pp. 215-27.
- ROCHA, José Monteiro da. “Apontamentos sobre a viagem litteraria do doutor Manuel Pedro de Mello”. *O Instituto – Revista Scientifica e Litteraria*, Coimbra, 1889, 2ª série, v. XXXVII, n. 4, pp. 268-71.
- SAINT-HILAIRE, Etienne Geoffroy. *Note sur les objects d’histoire naturelle recuillis en Portugal*, 1808. In LAISSUS, Y. “Catalogue des manuscrits d’Etienne Geoffroy Saint-Hilaire”. *Revue d’Histoire des Sciences et de leurs Applications*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972, v. 25, n. 4, pp. 365-90.
- SAINT-HILAIRE, Isidore Geoffroy. *Vie, travaux et doctrine scientifique d’Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*. Paris: P. Bertrand, 1847.

- SARMIENTO, Francisco Javier Puerto. *La ilusión quebrada. Botánica, sanidad y política científica en la España ilustrada*. Barcelona: SERBAL/CSIC, 1988, p. 180.
- e BUENO, A. González. “Politica científica y expediciones botanicas en el programa colonial español ilustrado”. In LAFUENTE, A.; ELENA, A.; e Ortega, M. L. (orgs.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional: actas del Congreso Internacional Ciencia, Descubrimiento y Mundo Colonial*. Madrid: Doce Calles, 1993, pp. 331-40.
- SIMON, W. J. *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1983, p. 51.
- TOLLENARE, Louis-François de. *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- URNES, Carol. *Thomas Pennant (a naturalist in Russia: letters from Peter Simon Pallas to Thomas Pennant, 1967)*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1981.